

Povo de Brasília leva o Presidente ao Planalto

BRASILIA — Desmaios, choros convulsivos ou tímidos, o aceno de lenços, bandeiras e flores, fortes aplausos e o nome de Tancredo na boca de cada um. Foi assim que o brasileiro recebeu Tancredo quando, às 17h40m, chegou à Praça dos Três Poderes, desde a manhã ocupada pelo povo que, na grande maioria, aguardou este momento sem se alimentar e ingerindo apenas água, debaixo de forte sol.

Foi o instante de maior emoção vivido em frente ao Palácio do Planalto, distanciado cerca de cem metros da população por cordões de isolamento formados por um grande contingente policial do Exército e por um cercado de tubos de metal, que formavam o corredor de acesso ao local onde foi colocado o caixão.

Os sentimentos se confundiam: revolta pela forte presença policial, desespero ou fé diante do futuro, impaciência com a demora para a abertura da visitação pública, e uma silenciosa tristeza. As vozes se uniram no Hino Nacional. Em cânticos religiosos como o da Oração de São Francisco — preferida de Tancredo Neves — em palavras de ordem como “o povo unido jamais será vencido” e na simbólica canção “Pra não dizer que não falei de flores”.

Cartazes e faixas levavam mensagens de grupos ou de pessoas isoladas, misturadas a dezenas de bandeiras do Brasil carregadas por jovens, velhos e crianças. “Vai Tancredo, mas o céu podia esperar”; “Tancredo. Ilumine este País”; “Feliz a Nação cujo Deus é o senhor” foram algumas das mensagens carregadas pelo povo.

A multidão viveu outro momento de intensa emoção quando o Boeing que trazia o corpo do Presidente, ladeados por dois caças Mirage, vindos de São Paulo, sobrevoou a Praça dos Três Poderes em



direção à Base Aérea, “às 13h30m. Neste mesmo instante, jovens do Movimento Nacional Tancredo Neves chegaram à praça carregando a imensa bandeira do Brasil que, no dia da eleição de Tancredo, abrigou o povo da chuva.

Houve instantes de tensão quando estes jovens tentaram romper o cerco policial para se aproximar do Palácio do Planalto. Também foram tensos os momentos em que, espontaneamente, se formou um movimento exigindo que fosse posta a meio-pau a bandeira que, representando os 24 Estados brasileiros, fica permanentemente hasteada em um imenso mastro na praça. Meio afastado da concentração, um oficial do Comando Militar do Planalto, que não quis se identificar, convocou os jornalistas e pediu-lhes que explicassem ao povo: há um decreto assinado pelo ex-Presidente Médici que não permite que o mastro fique sem bandeira. Aos poucos, o povo desistiu da reivindicação, mas não recuou em sua indignação.

As primeiras pessoas começa-



No Salão Nobre do Palácio do Planalto, o rosto de Tancredo está coberto por um vidro

ram a chegar à praça às 7 horas. Mas o movimento se intensificou por volta das 12h30m. “O coração do brasileiro é terra fértil que saberá frutificar a semente que ele deixou”, manifestou-se, emocionada, a madre Vicentina Luísa, que foi companheira de noviciado da madre Esther, irmã de Tancredo Neves.

O Capitão César, da PM de Brasília, ao explicar que não havia intenção de reprimir o povo, afirmou: “Estamos tristes, mais tristes do que imaginam, mas o sentimento de esperança que Tancredo deixou está vivo no coração de toda gente”. No grande silêncio que se fez logo após a chegada do esquife, um soldado dos fuzileiros navais não conseguiu conter as lágrimas.

Enquanto isso, o estudante Carlos José, que chegou cedo à praça, tocava baixinho em sua flauta a música “Coração de estudante”. E a professora aposentada Filadelfia Pereira resumia o que Tancredo representava: “Um grande líder que vamos levar para a sepultura sem a certeza de que vai aparecer outro”.

Moradora da cidade-satélite de Ceilândia, onde se concentra a população mais pobre do Distrito Federal, Maria do Socorro Dias ligou o rádio às 3 horas e soube da morte do Presidente. Acordou o marido e decidiram prestar a última homenagem àquele “que ia melhorar a situação do povo”. Ela disse que todos têm que rezar para que o Presidente Sarney “faça o que Tancredo ia fazer pela gente”.

Destacava-se na multidão o borracheiro Pedro Pires da Costa, com seu macacão sujo de graxa. Ele não conseguiu trabalhar, ontem, no posto de gasolina: “Eu gostava dele demais da conta. Com ele, ninguém ia ficar desempregado”, afirmou. Como nem todos puderam levar ou comprar água, refrigerantes e sanduíches que eram

vendidos na praça, uma imensa fila se fez no gramado do Supremo Tribunal Federal, onde uma torneira matou a sede dos que se aventuravam a ficar meia hora à espera de sua vez.

Por volta das 18h10m, quando se realizava a cerimônia fúnebre transmitida à população através de auto-falantes, os soldados começaram a formar o primeiro grupo de 40 pessoas que, às 19h40m, subiu a rampa para ver, pela última vez, o Presidente Tancredo Neves. Naquele momento, 50 coroas de flores já haviam sido colocadas em frente ao Palácio, enviadas por partidos, Embaixadas, políticos e empresas estatais. O grupo a entrar primeiro no Palácio era puxado pela viúva.

Francisca Rodrigues de Oliveira, de 65 anos. Ela estava amparada pelo braço da dona-de-casa Deborah Oliveira. Não se conheciam, mas chegaram juntas, às 7 horas. Ali ficaram, sem almoçar, tomando apenas água. Deborah mora em uma das superquadras nobres de Brasília e Francisca na cidade-satélite de Gama. Mas revelavam a mesma emoção e a mesma tristeza.

“Um grande homem público nunca é enterrado. É semeado e suas idéias germinarão”. O pensamento, do escritor francês Antoine Saint-Exupéry, que se tornou mundialmente conhecido com o seu livro “O pequeno príncipe”, foi citado no começo da tarde de ontem pelo Líder do Governo na Câmara, Deputado Pimenta da Veiga.

Por coincidência no início da noite, quando as portas do Palácio do Planalto foram abertas para o povo, que queria se despedir de Tancredo Neves, um grupo de crianças entrou carregando um cartaz: “Tancredo, nós do campo continuaremos a semear as suas idéias e serás imortal”. Foi um dos momentos mais bonitos do dia.